

Velejando sobre o manto da infância nas poesias africanas de expressão portuguesa – *O menino e o búzio*, de Sebastião Alba e *Saudade e espanto*, de Mark Dennis Velhinho

*Edimilson Rodrigues**

*É do mar que vêm estas vozes
silabando a linguagem das marés,
gravando na areia estranhas grafias
onde, quem sabe ver, desvenda o rumo
no sobressalto das ondas*
Cândido da Velha in Secco (1996, p.49).

1 INTRODUÇÃO

A análise da poética africana de expressão portuguesa versa sobre dois poetas – Sebastião Alba, moçambicano e Mark Dennis Velhinho, caboverdiano –, por trazerem a marca das rasuras que a infância, vítima do colonialismo, posterga no sujeito. E, neste caso, nos sujeitos possuintes da metáfora do mar como elemento de recuperação da memória que imprime traços do subjetivo perdido: a ludicidade.

O subjetivo ficou armazenado nos porões da nau-memória, e hoje, dá lugar ao objetivo conquistado que desvela, ludicamente, a opressão histórica do período colonial, trazendo o menino como portador de saberes culturais e tradicionais; mas, acima de tudo, do saber histórico por ele vivenciado e recriado recriando a linguagem da infância.

A poesia africana de expressão portuguesa surge, pois, nos textos em análise, como um jogo lúdico, do artífice da palavra que a recompõe na oficina da criação. Poesia, memória e infância estão umedecidas pelas ondas, e banhadas pela espuma do mar que, ao mesmo tempo que doa dores do passado colonial, entrega o prazer das recordações da infância, dilacerada em pelo colonialismo.

* UFMA /AXOLOTL

Desse modo, a poesia surge como um barco condutor e recuperador de imaginários, de memórias os quais permitem reviver o que lhes foi proibido – a liberdade, inclusive, da manifestação da palavra escrita.

Surge, anos depois, o texto mnemônico, com a harmonia estético-literária infantil como um dos legados da poesia africana aos leitores.

O barco-canto dos autores elencados (*O menino e o búzio*, de Sebastião Alba e *Saudade e espanto*, Mark Dennis Velhinho in Apa 2003) nos proporciona uma viagem pelas quilhas da história de Cabo Verde e Moçambique, com o fito de aliviar o peso da carga e com ela partilhar ao leitor, o panorama que se apresenta desde a metáfora do “barco” nas duas obras aqui selecionadas.

A intertextualidade, nos dois poetas, nos proporciona passagens inusitadas por portos que ancoram a poesia com o compromisso da aprendizagem fraterna, com a harmonia da chegada e da partida, através do texto, que os dois países africanos possibilitam.

Doam os textos, infinitudes de diferenças marítimo-textuais, mas similares em incursões resultantes da expressividade de sentidos e ideias, pois, “Não obstante a história nacional registrar suas primeiras linhas à custa de sangue e desencanto, uma outra expressão artística alçou seu vôo” Campos Almeida in Patraquim (2011, p.164);

São demonstrações de que, na urgência de recuperar a infância perdida, através do literário, para que a vida recuperasse seu imaginário coletivo comprometido com os rituais da ancestralidade, da história e da cultura, aparecem no mar da criação oral, no qual a presença da criança, está estampada em trajetórias de construções do sujeito, em processo de formação, ainda e sempre, com o mar como mensageiro.

2 AINDA E SEMPRE A HERMENÊUTICA DO MAR

É evidente que esse artigo não pretende usar a metáfora do mar para definir produções literárias complexas, amplas e plurais, como as de Cabo Verde e Moçambique; mas, demonstrar que elas resultam de convergências conflitivas ao longo da história, tendo o mar nas obras literárias africanas, como uma possibilidade de representação natureza/homem que sofreu as mazelas do sistema colonial e que, também, por isso, possibilitou, aos poetas, a escrita como uma colcha de retalhos imantada de símbolos marítimos, mitos, memórias e emblemas da colonização.

Cosmicamente conotado, o mar é fonte de energia criadora e, por sua ambivalência, é visto, desde remotas eras, como local enigmático, território de mistérios e brumas – símbolo do inconsciente coletivo, onde residem, segundo o filósofo Gaston Bachelard, “*sob as imagens superficiais das águas, imagens profundas, cada vez mais tenazes*” (SECCO, 1996, p.09).

O mar, como emblema mnemônico, surge como a arte de entalhes na literatura africana. Cada poeta insere um corte diverso na madeira-palavra, vincando sua marca mais profunda ou mais duradoura, qual as ondas, em propulsão sinestésica, porque vincadas à dor e às experiências. Pois, no uso da palavra, quanto mais alta a onda, tanto maior a dor que o signo representa; e, quanto mais profunda a palavra, mais simbolicamente destrói o colonialismo. Assim, as ondas estão sempre quebrando na orla do sujeito poeta, que as busca, constantemente, como motivo de poesia.

A historiografia literária e a crítica rastream, através do texto literário, formas próprias para contar a multiplicidade de imagens que surgem das produções africanas marcadas pela poética do mar¹. Desde análises literárias e antologias sobre a temática, têm surgido estudiosos que sustentam a existência de um campo conceitual do mar na literatura africana. Abordam, direta ou indiretamente, a existência dessa temática como uma categoria que apresenta alguns elementos diferenciais, desde os textos seminais de Secco (1996, 1999): O mar como metáfora de evasão, como signo de liberdade, ser que liga extremos; o mar como instância de produto cultural e econômico, e, ainda, como paradoxo de progresso, além de funcionar como elemento associativo ao corpo feminino, nas literaturas africanas.

Essa é uma das abordagens suscitadas pela estudiosa Carmem Lúcia Tindó Secco, desde os textos seminais, sobre a poética do mar na literatura africana – *Mar, mito e memória na poesia africana do séc. XX: uma abordagem teórica da questão* (1996), *As conotações do mar na poética moçambicana* (1999). Deles surgem estudos que discutem metáforas que reduplicam a ideologia colonial, nas literaturas africanas, tendo o mar como tema.

Confirmando o pressuposto desta metodologia, a percepção de um fenômeno não se dá imediatamente ao seu observador e que a maneira como o percebemos é apenas uma das faces com a qual ele se mostra, podemos dizer que essa é uma das muitas formas de sua existência.

Deste modo, são, basicamente, essas obras (*Cadernos de Letras Africanas I, II e III*), organizadas pela pesquisadora Carmem Lúcia Tindó Secco, que nos norteiam na incursão deste trabalho, em conjunto com teóricos e escritores que abordam o assunto, pois,

O poetar é a maneira pela qual o homem dá as mãos à linguagem, arremete-se nas ondas do mar e se afigura poeta, portanto, habitante da errância de ser com o outro, na medida em que o outro não é alguém à parte, mas ele mesmo enquanto faceta ainda velada do que se apresenta ao mundo, à realidade (PESSANHA, 2013, p.115).

Destarte, após a leitura minuciosa dos textos de Dennis Velinho e Sebastião Alba, realizaremos nossas análises consorciadas a outros poetas que também tangenciam o tema, o que, em alguns momentos, neste texto em particular, nos auxilia teoricamente.

3 O MAR CONDUTOR DE IMAGINÁRIOS

Os símbolos que remetem à dinâmica do mar, na literatura africana, são múltiplos. Começamos por um símbolo mínimo, ou seja, o que permite um transporte razoável de ideias e culturas. Um barco transporta ilhéus, transporta alimento em percurso e espaço delimitados. No imaginário do eu-poético, o barco voga entre extremos simples: a infância e o brincar; no imaginário dos poetas, o barco hiberna nas praias da memória entre história e literatura, sociologia dos eventos e eventos sociológicos.

O brinquedo como barco, na imagem que o poeta recorta da infância, leva o imaginário do eu-poético ao extremo da liberdade. Esta flutua no manto sagrada dos sonhos, e o barco, no manto sagrado do mar que oceaniza as vocações, cerze de azul o céu das lembranças, na moldura do ilimitado: o texto literário que, no ensejo de descobertas poético-sociais, traz, ao centro da imagem, o país assolado pelas grandes naus, pelos navios acompanhados das desolações sócio-históricas.

Os sonhos possibilitam, ao menino, condutor arguto dos desejos, trazer à margem as querências. O barco, como objeto de construção simples, é o brinquedo da ludicidade e do aprendizado histórico – navega em imaginários, aprende a brincar com imagens e palavras.

O lúdico se apodera das invento-criatividades e faz morada no universo da criação; no longo do manto de invenções onde se concretiza o diálogo entre palavras e imagens, com as quais, o barco retém a criança, como prisioneiro insonte da infância e da memória: oh palavra poética – “O mar somos nós todos/ O mundo/ Em água condensado” Antero Abreu in Secco (1996, p.56), pois, são os poetas unânimes em declarar amor & mar concatenados à imagem matricial da infância, usemos três exemplos:

- a) “Depois da chuva/ os meninos em bando/ largavam a lagoa/ vinham brincar a navegação./ Do pequeno porto/ saiam então gasolinas dongos/ navios de grande calado até/ feitos uns de bimba/ mafureira/ outros de tampa/ de cartão” João Maria Vila Nova in Secco (1996, p.55);
- b) “Eis-me navegador. Um sonho abarco./ A Vida é Mar, a Vida é toda um Mar./ E quem tem alma e sabe o que é sonhar/ – há de lançar às águas o seu barco.” Geraldo Bessa Victor in Secco (1996, p.27);
- c) “oh veleiro encarnado/ encarnado em lata de cacau// oh veleiro/ singrando de velas enfunadas/ por/ mares de prata/ oceanos de saudade” Arlindo Barbeitos in Secco (1996, p.79).

O poeta, assim como a criança, convocado à ventura marítima, é um nauta de aventuras que incursiona fundo no mar da palavra, vai rente em direção à sua terra firme, com objetos que lhe são caros. Ainda que estes sejam os desprezados

pelo consumo dos estrangeiros; o que em suas descobertas, constitui uma coleção de encantamentos e conquistas, pois, “(...) a vitória será deles/ dos meninos sujos da Malanga ao Bairro/ que morrem, sofrem,/ durante centenas de anos/ brincando com coisas sujas/ raras estrangeiras” Fernando Ganhão in Saúte (2004, p.332) que, no entanto, irão compor, no papel da escrita, a coerência dos deslumbramentos.

Os barcos são lançados à água, juntamente com símbolos da opressão que violentam a paisagem e o imaginário social de consumo do menino – “lata de cacau, tampa de cartão”, os quais estão imantados às recordações dos objetos úteis à fabricação do lúdico, mas, também, e, principalmente, do estético que, constituintes dos “oceanos de saudades”, recuperam a infância estilhaçada. Porque restaurada pela “sensibilidade (...) de todos os sentidos presentes” Maria Eugênia L. Silva in Secco (1996, p.48) propõe reflexões do passado. A ludicidade, vivida pelo brincar-navegar, constitui os elementos da fábula infantil que estrutura a ficção do real “Como um feto ligado à placenta pelos canais da seiva”, com “os meninos indo à conquista do mundo com a mão dada” Glória de Sant’Ana in Saúte (2004, p.131) ao “fio elástico da memória”.

São poucos, os nossos exemplos tomados anteriormente, mas significativos recortes, sobre o tema do barco, no mar da literatura, pois se relacionam à infância e se sedimentam, desde há muito, na poesia africana de expressão portuguesa, versando entre morte e amor, partida e chegada. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1999, p. 592) “Vem daí que o mar é ao mesmo tempo a imagem do amor e da morte” e, que, “Entre os místicos, o mar simboliza o mundo e o coração humano, enquanto lugar das paixões” Chevalier e Gheerbrant (1999, p. 593).

Um outro ente simbólico, ao longo do manto de invenções literárias africanas, é o navio, o qual proporciona uma incursão, no poder criador que faz da memória, um parceiro da infância que nela navega como um nauta ligado à toa “com a alma toda com uma convicção comunicativa” Ennes in Saúte e Sopa (1992, p. 99), de amor e lembranças:

- a) “Entre Macúti e Sofala/ Todo o mar é uma lembrança:/ – Cada navio que chega/ Traz meus sonhos de crianças!” Jorge Villa in Saúte (2004, p.);
- b) No dia em que te foste embora,/ longos navios de silêncio/ encheram a casa,/ tão grande, tão vasta!” Manuela Margarido in Apa (2003, p.270);
- c) As ilhas/ por quererem ser navios/ Ficaram naufragadas/ entre mar e céu” Agnaldo Fonseca in Apa (2003, p.138);
- d) “depois vieram os navios,/ e arrastaram-me o teu coração” Sergio Vieira in Saúte (2004, p.347).

Nos exemplos, os navios, como noutros – barca, nau, naves, caravelas –, são elementos de agregação de sensibilidades, mas, também, imprimem o campo simbólico da revolta; pois o mar trouxe o navio para os despojar de suas liberdades, posto que, ainda paira na imensidão da lembrança, a ideia de que o Atlântico apagou as marcas das naus do Índico: – “Ai este Atlântico triste/ que nos deu a nostalgia/ dum mundo que só existe/ no sonho que ele povoou...” Jorge Barbosa in Apa (2003, p.130).

Os excetos acima servem, ainda que reduzidos, como exemplos nos quais o imaginário marítimo, tanto adulto como infantil, habita a metáfora dos sonhos da criança que ainda vive neles, nos poetas. Metáfora que funciona – “Como navios anasalados pelos portos/ da chegada, para a terna, grande e explosiva canção de amor” White in Saúte (2004, p.570) infantil à terra africana que, após a infância colonial, permitiu ao poeta o fantasiar recuperando a fantasia do encontrado no reino da criação infantil, pois ele certifica “Não me ensinaram a brincar/ e sou triste sonhador e poeta” Virgílio de Lemos in Saúte (2004, p.210). Isso porque, os meninos poetas, como as ilhas, ficaram presos entre a história e as letras que os recuperam através da palavra, , pois, “os olhos de cada menino/ renovam a esperança” Saúte (2004, p. 204) de mares melhores, ou de marés com a cor, sabor e cheiro do Índico².

Na dinâmica dessa investigação metodológica, os elementos simbólicos – navio, barco, como apresentados – dizem do mar que se assemelha ao mundo do ser infantil africano; donde os instrumentos da ludicidade, parceiros do aprendizado social, são transfigurados em elementos visíveis, porque permitem transpor imagens.

A primeira imagem é a do mar, pois, sendo “Símbolo da dinâmica da vida”, fermenta a poética infantil, posto que eles estão “deslumbrados,/ deslumbrando-se/ ao milagre da vida: (na) intacta pureza das crianças” Fernando Couto in Saúte (2004, p128), frente ao mar que chega a eles como signos de descobertas, para que, depois, na vida “Duma outra infância, inventada,/ (possam afirmar que guardam) memórias que são/ Reais reversos do nada/ Que as verdadeiras (...) dão” Renato Ferreira in Saúte (2004, p.122).

O mar se apresenta assim, como espaço de aprendizagem do viver, cenário que institui a criação dos personagens para atuarem no palco social, desenhando na areia, a memória de futuros poetas e contistas dos sonhos infantis, com a tessitura de búzios, conchas, navios, caracóis, mas também, do lúdico que formata a constituição do ser social infantil, supostamente, porque – “dentro deste instante/ o mundo se principia a anunciar” White in Saúte (2004, p. 557).

Concatenados à imagem da pátria, os meninos, como o mar, “simbolizam um estado transitório entre as possibilidades ainda informes, as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvida, de indecisão” Chevalier e Gheerbrant (1999, p. 592), ou, aos processos de formação da criança, pois, deduzimos que há uma similitude entre mar e infância, infância e pátria nas literaturas em cotejo.

A segunda imagem, e não menos importante, é a dos símbolos do barco e do navio, relacionados à palavra infantil, que, como a do poeta, está prenhe de criações e invencionices, pois as palavras gestam uma relação terna entre objetos criados e a infância, que, segundo o pensador malê Amadou Hampâté Bâ, “cria um vínculo de vaivém gerador de movimento e rito, conseqüentemente, de vida e ação” Hampâté Bâ (1993, p. 16). Isto porque, a literatura, objeto de criação e de sinergia cultural, espelha culturas diversas e, essas por trazerem novos elementos simbólicos, estarão albergadas na palavra literária que traduz a ação do sujeito poético no eu-infantil, como aduz Mia Couto in Saúte (2004, p. 500): “tudo desperta/ a secreta voz da criança”.

Voz que constituirá uma longa história comum feita de imersões e disjunções, de absorções e rejeições, mas, acima de tudo, de encontros e desencontros entre novos e velhos imaginários, marítimos ou não. Por isso, aqueles símbolos (navio, barco) nos permitem pensar que, como figuras inesquecíveis, apresentam-se como elementos da fecundidade criativa dos miúdos, tatuadas em suas derme-poesias, na sinestesia dos encantos e desencantos despertados em secretas vozes. Os símbolos do mar (barco e navio) assumem, no imaginário infantil, um jogo lógico-simbólico que se adere à história do jogo lógico-semântico da vida cultural da sociedade africana.

Desse modo, “Restaurando a função mítica das conchas, búzios e oceanos, símbolos da africanidade dilacerada, o sujeito poético denuncia o colonialismo, metaforizado pelas caravelas e critica a opressão sofrida” Secco (1996, p.23), eis o despontar da história dos eventos que se molda à da história social enriquecida com os da literatura, porque o poeta africano desenvolve a utopia da ficção que dialoga com o real, que se apresenta como uma forma aberta aprisionando os elementos da ficcionalidade, mas libertando o ser social, por deixar fluir a vida em sua redenção e dimensão criadoras – “Perdoa, ó meu país/ às conchas e aos búzios da praia/ se não souberam anunciar/ o fogo/ a peste/ o chicote” Marcelino dos Santos in Secco (1996, p.23).

Depois dessas digressões, vejamos o que nos dizem os textos (*O menino e o búzio*, de Sebastião Alba e *Saudade e espanto*, Mark Dennis Velhinho) que selecionamos para estas análises, cujas imagens e metáforas de conchas, búzios e mar, nos convocam às reflexões.

4 O MENINO E O BÚZIO – SEBASTIÃO ALBA

Qualquer análise, ainda que profundamente elaborada no edifício da poesia, diz pouco sobre ela; no entanto, ela mesma diz muito do arquiteto que a erigiu, através de sua composição, o que a constitui em um poema-entrega: A predileção pela imagem, seu desenho-tipológico, arrumação dos ambientes arquitetônico-textuais, a integração do domicílio com o social (intra e extratextuais); e mais, o arejamento-conectivo dos espaços, a altivez dos pilares/palavras, fazem o

cimento-tema que a consolida, forma a argamassa-assunto que a estrutura, proporciona a ventilação das janelas/interpretações que chegam até ela, através do leitor, e, finalmente, constrói o enigma que a ilumina pelos primeiros portões de acesso: o título.

O autor elege, neste poema-marítimo – menino e búzio – dois seres dispares, mas próximos pela imagem que evocam: o menino como ser reside fora do búzio, contrário ao crustáceo, pelo símile de carne desprovida de proteção; imantado do anônimo, “o menino”, na ventura da paisagem, autoriza o étimo a traduzi-lo em meninos da África, sem casa, vulneráveis. Ao igualar, assim, menino e crustáceo, demonstra o poeta, a fragilidade daquele, enquanto este vive e tem sua proteção – a carapaça-casa. O menino, sem proteção, sem casa, é presa frágil no mar-mundo que o deixa à deriva. Diz, pois, o poeta que o menino está destituído de proteção, de benesses da natureza, mas que se soma ao búzio, pela falta que faz a casa-proteção. Deste modo, desde o título, o poeta-arquiteto confirma sua sensatez no albor da palavra poética, como um “imenso barco da vontade” Muñoz in Saúte (2004, p.610) do dizer social.

Dizer que nos proporciona um relato sobre o arquiteto que erigiu a morada-texto. Assim, Sebastião Alba³ é, contudo, o poeta moçambicano que se quer na legítima cidadania das emoções “sentidas”, no plasma da sua “gramática” perfeitamente nacionalizada pela vivência, nas palavras de José Craveirinha” Ferreira (1987, p. 192).

Pelo exposto, percebemos que na edificação da palavra-poesia, o autor tem instrumentos nacionalizados, palavras gramaticalmente comprometidas com “a cidadania das emoções”, pois, produz o “texto inserido na resistência possível, (com) um olhar endurecido e sensível percorrido na esperança impacientemente sofrida... Mas consciente da exigência que o rigor da palavra impõe, a sua poética furta-se à facilidade da elaboração” Ferreira (1987, p.54).

Desse modo, percebemos que o escolhido não é um principiante na palavra poética, é, sim, um artífice da estética do texto, traço que o conecta aos grandes temas da literatura universal, através da vivência da leitura de outros textos e autores.

Dito isto, vejamos o poema, com o rigor que o poeta Sebastião Alba impõe à palavra.

O menino e o búzio

*É meu o mar
cativo e minucioso
entre os polos do búzio que o dilata
E onde fundado tremula o casco arenoso
da silhueta suspensa dum navio pirata.*

No primeiro verso, logo como marca de identificação ao objeto, o eu-poético declara ser dele o mar. O possessivo marca o imaginário de apropriação das coisas pelo olhar da infância. Essa defini o que vê e toca como algo seu, muito particular, com a delicadeza que a palavra poética permite aos colonizados: “Impugnados somos/ mas de ternura subversiva” Baptista in Secco (1996, p. 107). A posse pela apropriação do olhar se transfere pela evocação do texto que o particulariza – “É meu o mar”. Eis pois, uma temática recorrente à poética de Sebastião Alba que, usando uma apropriação imagística de Conceição Lima (2012, p. 46), proporciona “ampliar o eco de sua perpétua infância” para perpétua temática.

O personagem infantil do texto pode ser comparado ao poeta, que se naturalizou moçambicano, desde os dez anos de idade, então, frente à beleza do mar de Moçambique, como que numa premonição, o poeta o vislumbrou e disse – “É meu o mar”, com tudo que o compõe ou, de uma forma mais poética: “O mar tem influência singular sobre mim” Baticã Ferreira in Secco (1996, p.222), eis o *Ritmo do presságio* de quem prevê, através do social, o histórico político de sua nação por opção.

A pesquisadora da poética africana, Lúcia Tindó Secco (1996, p.26), nos lembrar que Alba “apresenta poemas onde o mar se encontra associado à meditação existencial”. Os versos seguintes, “Cativo e minucioso/ Entre os polos do búzio/ que o dilata”, possibilitam pensá-los com o olhar da meditação existencial. O elemento marítimo se encontra em íntima relação com a existência do ser africano. O ser foi cativo do colono pela minúcia do capital que o trouxe à essas terras pelo manto do mar. Associado a essa condição de cativo, o búzio, como o africano, está preso a algo. O primeiro, pelo mar que o prende pela condição de sobrevivência dele próprio; o segundo, cativo do mar pela vocação de liberdade, solicita que o mar o livre dos piratas do capitalismo que, com a chegada das caravelas, o prenderam.

Relacionando o mínimo de expressão, no máximo de imagens, no texto de Alba, deduzimos que, tanto o búzio como o sujeito do texto, fazem parte de um todo complexo que harmoniza a vida. O búzio faz parte do desenvolvimento e equilíbrio do ecossistema aquático, doando-se e peneirando vida em forma de plânctons. O eu-poético, *homo Faber*, se insere neste dilatar da vida, pois é parte do seu fazer, transformar a natureza em trabalho; no entanto, no texto, podemos inseri-lo como *homo ludens* aquele que participa do jogo da criação dos artefatos e da estética “que o dilata” a contemplação do belo.

Temos, pois, nesta poética revolucionária e condicionadora de metáforas marítimas, os símbolos da imagem do búzio. Como aduz Chevalier e Gheerbrant (p.15) “O búzio, como todas as conchas, está ligado ao arquétipo: lua-água, gestação-fertilidade”. Daí dizermos que, no poema, o búzio, lembra os elementos que compõem o cenário da terra africana. Isto porque, como os polos do búzio, dilatam-se com a chegada do estrangeiro, absorvendo nova-água e cultura, internalizando e gerando novos elementos que, como o símbolo da pérola, intuem “instrumentos da percepção intelectual” Chevalier e Gheerbrant (1999, p.15).

Na poesia de Sebastião Alba, desdobram-se imagens do mar, caudaloso e amplo nas suas contradições. O texto flui como um secular compromisso da argúcia poética que quebram o ditatorial. Linhas do texto e do tecido social cruzam-se durante a escrita marítima de Alba. Uma linha que objetiva a mudança combatendo com palavras, e outra, subjetiva, que traduz o percurso do barco-texto, na marcha de um espírito crítico, oscilando entre história e literatura.

O mar, através da récita da memória – *O menino e o búzio* – certifica que a arte modifica o artista, pois, quase sempre, está, na tênue linha entre talento e criação. Mas, criação, no caso de Alba, condiciona o talento ao canto poético comprometido com novos paradigmas espelhando talento. Isto porque, poesia é libertação de talento, estado interior de criação profundo.

Outros elementos significativos, que afloram da poética marítimo de Alba, estão nos versos seguintes – “E onde fundado tremula/ O casco arenoso da silhueta/ Suspensa de um navio pirata”.

O demonstrativo “onde” localiza a ação poética. É no mar de Moçambique que a ficção se funda. Pois fundado, lembra posse que acorda a metáfora do padrão, que, na ideia de conquista, simbolizava o fundado; o que ostenta o símbolo da bandeira que a faz tremular. Mais uma vez, algumas imagens são postas com poucos recursos expressivos: no búzio enterrado na areia do mar, há muito, o navio imitado; o navio atolado na areia do mar, imita um búzio; temos, pois, navio sem comandante, e o búzio sem molusco, objetos destituídos de funcionalidade.

Desterrados para o plano a-funcional, eles se ressignificam pelo olhar do poeta. A imagem do búzio enterrado na areia traz o símile do navio encalhado. No entanto, um está em seu natural, o búzio; o outro está, ainda que somente em imagem, disfuncional, não cumpre a rota das grandes travessias, não esbulha pátrias e cargas. Assim, ao olhar terno do eu-poético, os navios piratas, tal como os navios negreiros, estão à deriva, sem rota e destino.

O texto-nave de Alba, simboliza o convite para a viagem da leitura a bordo do barco da história, condutor arguto de destinos e vidas onde circulam culturas, ideias, imaginários infantis na imagem liberdade – vogando no mar da poesia – socialmente reconstruída pelo olhar do poeta.

5 SAUDADE E ESPANTO – MARK DENNIS VELHINHO

Mark Dennis Velinho é outro poeta que se apresenta como nauta das grandes travessias literárias, vogando, no mar na poesia africana. Desta vez, temos um caboverdiano que traz a temática do mar como motivo de canto, demonstrando que, como aduz Secco (1996), “O eu-lírico dos poemas canta a solidão, o sofrimento. O oceano aparece como o lugar da interdição, sendo visto como “*agro mar*” que separa o sujeito poético dos tempos da infância”, mas que, como no texto de Velinho, o contrário também é válido. Pois o “*agro mar*” de Campos de Oliveira é o “espanto” de Dennis, o qual aproxima o sujeito da infância aos temas sociais.

Desde o título, o autor nos provoca, nos incomoda, com imagens de saudade e espanto. Saudades de um tempo que o espanto provoca, ou espantos que proporcionam à saudade refletir sobre o que se foi? São questões profundas, mas não respondidas por nós. Duas palavras que são retiradas da composição do texto, como um título que se amplia pela dinâmica das imagens que são retomadas, ao final do texto, por essas palavras como veremos ao longo da análise.

Saudade é uma palavra forte e expressiva para aquele que esbulhou a língua portuguesa para dizer do sentimento *banzo*, após a partida dos entes próximos. Ou, no caso do tempo, a saudade causadora do espanto, pois o pretérito não volta mais, mesmo na poesia, claro – “Sempre o mesmo/ desejo de voltar às praias da infância:/ argúcia dos dedos na areia/alegria dos olhos na espuma...” Armando Artur in Saúte (2004, p.555).

O poema, de Velhinho, se apresenta para nós, como um texto sinestésico, aguçando os sentidos do paladar, da visão, e, indubitavelmente, da sensação-emoção. Na sua eflorescência sugestiva, as palavras umedecem-se em outras – as espumas se dissolvem, sugestivamente, em mar; a infância em saudade, o verbo beber, alaga as emoções do contemplar. Assim, o texto induz a isocronia dos sentidos, lembranças, recordações temporais originadas em uma “sensação de infância” ao beber, ou seja, contemplar uma imagem marítima – um barco ao longe, vogando sobre o oceano, capturando tempos idos.

Desse modo, os sentidos da sinestesia – degustação e visão – induzem à percepção da vida do eu-poético na infância. Criam, pois, no leitor, uma imagem que, como num quadro, preenche o imenso vazio das recordações; há, pois, um poema de profunda carga dramática; o instante, agora, evanescente, dissipa grande agitação de lembranças que são separadas em blocos emotivos – a primeira linha do texto destrói assertivas, pois quando diz: “Bebo um barco”, propõe reflexões de um poema feito para ser suggestionado e sentido, devido a incongruência semântica; no segundo verso há um conectivo que destrói a coerência e doa coesão ao primeiro e terceiro versos – “inevitavelmente”. O advérbio conectando os versos um e três, matiza o verbo trazer, pois, ele confirma algo que é trazido sem que seja possível evitar: algo que, porque passou, hiberna na memória, e é inevitável – a vida infantil do ser que contemplava o mar.

Na absorção dessas imagens, o eu-poético doa, ao significado das palavras, outras de sentidos sinonímicos; no entanto, todas relacionadas aos princípios de criação poética: barco transfere sentidos para leveza, flutuação, água do mar; e, no mesmo plano, a espuma que contém água marinha armazenada, leveza, esvoaçante; induzem, assim, os dois últimos étimos, a algo da sinédoque do evanescente – o barco, as espumas pelo mar; a palavra espanto revela-se em surpresa, emoção, assombro, pasmo; e, no mesmo sentido, a palavra possibilita pensar em infância como algo enigmático que causa espanto, que doa emoção às descobertas, trazendo a surpresa ao desenvolvimento das percepções.

Pois, a infância desvela espantosas sensações coletivos e individuais aos aprendizados; induzem, pois, a pensar que um contém o outro, na sinédoque do todo: vida; no subliminar da criação do poeta, surgem as palavras saudade e coração. Essa última, motor que, como no navio, conduz o corpo, rega de sangue os demais órgãos, dinamiza e doa flutuações aos líquidos, órgãos e tecidos, e, claro, no campo da emoção, é sinônimo de paixão, amor-motor conjugal; aquela, a saudade, está costurada ao ser do coração: sentimento que causa espanto, que doa recordações, possibilita paixões, sendo, pois, propulsora do desejo impulsionando viagens inusitadas: morte, vislumbres, sensações, isolamentos, separações, distanciamentos. Assim, soldando os elementos que separam as palavras elencadas pelo poeta, temos uma relação de cumplicidade entre elas.

Vejamos o texto em suas partes constituintes:

Saudade e espanto

Bebo um barco que ao longe passa
e traz-me inevitavelmente
uma sensação de infância.

À saudade entrego o meu coração
E às espumas o meu espanto roxo.

Há, no poema, uma tradução intersemiótica, uma pintura com palavras que apresenta um aspecto da natureza recortada pelo menino e pintada com palavras, pelo adulto poeta. Vivem eles, espantosos momentos de contemplações recuperados através das sensações entre mar, infância, saudades, provocadas, essas, pela imagem do barco que corta as espumas. Assim como as espumas trazem e contém grande concentração de carbono, elas: infância, saudade, no sujeito poética, causam grande concentração de lembranças, muitas agitações de sentimentos, recordações do íntimo de sua emoção, e que se comovem quando o assunto é o mar.

Provoca, pois, a espuma, associações de ideias, dissipa, no todo do texto, um aglomerado de sensações, criadas qual agitações da memória. Essas, são absorvidas como um gole seco, que, ante as surpresas, espasmos, medos, o sujeito sorve, e, supostamente, o leva, o gole, a reelaborar as sensações de retorno ao tempo pueril, através da imagem sinestésica – “Bebo um barco que ao longe passa”, que agora se completa com distintos campos – do gustativo ao visual, do visual ao auditivo e, deste, ao olfativo, pelas espumas.

O poema, assim, desde o verso acima, funciona com símbolos ocultos que se revelam, como texto-tese, em experiências da vida infantil proporcionando a descoberta, os sentidos e sentimentos da vida. Temos, portanto, duas sínteses e duas teses: a primeira síntese (“Bebo um barco que ao longe passa”) revela a tese em – “às espumas o meu espanto roxo.”; enquanto a síntese de “uma sensação de infância” culmina na tese – “à saudade entrego o meu coração”.

Temos, assim, a pulsão dialética relacionada à práxis do autor, porque traduz teoria e prática social umedecidas na vida e no fazer poesia. Porque o texto, de Mark Dennis Velinho, possui alta carga social-imagética.

Indubitavelmente, afirmamos que, num jogo lúdico-didático, o autor põe em suspensão os primeiros três versos, para serem retomados, depois, como conclusão de cada uma das pevides poéticas, em pausas melódicas entre a primeira e a segunda estrofes, concatenadas ambas, pelo advérbio, “inevitavelmente”.

Desse modo, o poeta possibilitou o despertar das sensações no leitor, pois, após as teses – “saudade e espanto”, novas palavras-chave surgem para outras reflexões que apontam, deliberadamente, para a ideia de que, após a leitura-destruição do texto, através da análise, “inevitavelmente”, ele se reconstrói para espargir luz, alagar outros sentidos, induzir muitas e novas travessias no manto do mar, com as velas da poesia.

6 CONCLUSÃO

A busca por compreender a temática do mar, na literatura africana de expressão portuguesa, desde os dois poemas e poetas, foi o nosso objetivo. Escapando ao lugar comum e circunstancial da análise literária, nos pautamos num exercício de leituras incursionadas em diálogos com outros poetas que, também, revelam o que sentem e dizem com a sensibilidade de homens marcados pelo processo colonial.

Portanto, afirmamos que nossa leitura proporcionou refletir sobre questões sociais e políticas, através dos arcabouços singelos – *O menino e o Búzio e Saudade e Espanto* instrumento que deleita e ensina, como velhas assertivas. As poesias, portanto, são, para os dois poetas, como para muitos outros poetas africanos, gênero onde o real e o histórico se encontram, com a centelha do real iluminando o histórico com fatos obscurecidos pela penumbra do político.

Na nossa seleção buscamos critérios estéticos e sociais que aproximam os dois autores; pois, usando as palavras de Apa (2003, p.12) dizemos que, “Antes preferimos reter, obra, enquanto vínculo entre o poeta e uma situação específica, da qual ele, como ator, sabe transmitir a validade do testemunho de um instante e de um lugar”.

As elaborações poéticas, aqui selecionadas, bem como os excertos dialógicos, recepcionam sentidos documentais que renovam os acontecimentos sócio-históricos, acumulam outros nacos de informações. Porque, deduzimos, a poesia se constrói no olhar sociológico sobre a arte literária, com a irrupção dos fatos históricos que reelaboram e atestam o labor da documentação e do monumento poético. Pois, retomando a epígrafe deste trabalho, “É do mar que vêm estas vozes/ silabando a linguagem das marés/ gravando na areia estranhas grafias”, para o colonizador, mas familiar aos que viveram os ditames do colonialismo, os poetas africanos de expressão portuguesa.

NOTAS

¹ “A triagem dos textos foi orientada no sentido de efetuar um mapeamento da simbologia marítima, investigando as relações existentes entre o oceano, a memória, a história e os mitos africanos. Com vistas a atingir esse objetivo, nosso levantamento partiu as seguintes hipóteses de pesquisa, muitas das quais foram ratificadas ao longo da própria seleção: a – o mar, nas origens da poesia africana, reduplica, de modo geral, a ideologia colonial das caravelas e da aventura marítima lusitana; b – apresenta-se como cenário idílico, referência apenas paisagística, recoberto de conotações reveladoras de um ponto de vista exótico; (...) c – o mar, na poesia ligada ao projeto de reconstrução nacional, também não é muito presente em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, pois há uma identificação com a terra e a natureza africanas quando, entretanto, se mostra imenso reservatório mítico do inconsciente afro silenciado pela conquista e colonização lusitana; d – em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, como são ilhas, o mar é uma constante tanto na poesia colonial, onde funciona como símbolo reduplicador das ideologias lusiadas, como nas produções poéticas posteriores, nas quais as conquistas marítimas são novas e se apresentam ligadas à busca da identidade e liberdade; e – o oceano, na poesia africana da pós-independência, surge como o “mar novo” que estabelece uma ruptura com o “mar português”; e, na produção poética dos anos 80 e 90, revela-se, em alguns poetas de Angola, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé, como o espaço erótico gerador de um novo lirismo possível que vincula a figura da mulher à sensualidade da linguagem e à ludicidade da própria metapoesia. Secco (1996, 07 e 08).

² “Literatura e História registram a trajetória de violência vincada no imaginário social de Moçambique, denunciando que, desde o século XV, quando os portugueses, em 1498, chegaram à costa oriental africana, comandada por Vasco da Gama, as lembranças se fizeram atozes. O oceano Índico passou, assim, a trazer na memória as águas rasuradas pelos navegadores lusos, cuja quimera das Índias transformou esses mares em caminho para a realização de suas aventuras marítimas” Secco (1996, pp. 20 e 21).

³ Sebastião Alba (Portugal 1940 – 2000). Pseudônimo de Dinis Albano Carneiro Gonçalves, escritor, formado em jornalismo. Foi administrador da província da Zambézia. Naturalizou-se moçambicano. Recebeu, em 1997, com *A noite dividida*, o grande prêmio de literatura DST (de Braga). Obras – *Poesias* (poesias, 1965); *O ritmo do presságio* (poesia, 1974); *A noite dividida* (Poesia, 1982); *O limite diáfano* (poesia, 1996); *Uma pedra ao lado da evidência* (poesia, 2001) tais assertivas estão em Xavier (2017, p. 168).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. **Antologia temática da poesia africana**. Na noite grávida de punhais. Lisboa: Sá da Costa, 1975.
- APA, Lúvia. **Poesia africana de língua portuguesa**: antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1999

- CHAVES, Rita; SECCO, Carmen; MACÊDO, Tania. **Brasil/África: como se o mar fosse mentira.** Unesp/Caxinde, Luanda, Angola, Chá de Caxinde, 2006.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura.** São Paulo, Editora Unesp, 2011.
- EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária.** São Paulo: Editora Unesp, 2011
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa.** São Paulo: Editora Ática, 1987.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literaturas africanas de língua portuguesa – mobilidades e trânsitos diaspóricos.** Belo Horizonte: Nandyala, 2015.
- HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **Palavra africana.** O correio da Unesco. Ano 21, n.11. Paris/Rio de Janeiro, 1993.
- KAYSER, Wolfgang. **Análise e interpretação da obra literária** (introdução à ciência da literatura). Coimbra: Editor Arménio Amado, 1968.
- PATRAQUIM, Luís Carlos. **Antologia poética.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- PESSANHA, Fábio Santana. **A hermenêutica do mar – um estudo sobre a poética de Virgílio de Lemos.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2013.
- RICCIARDI, Giovanni. **Sociologia da Literatura.** Lisboa: Men Martin e Europa América, 1971.
- SAID, Edward Wadie. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- SAÚTE, Nelson. **Nunca mais é sábado – antologia de poesia moçambicana.** Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- SCHLAFMAN, Léo. **A verdade e a mentira – novos caminhos para a literatura.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1998.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó et al. (Orgs.) **Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa.** Volume III Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau. Rio de Janeiro: Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras Vernáculas – Fac. Letras/UFRJ, 1999.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **África escritas literárias.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Angola UEA, 2010.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa.** Volume I Angola. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **Brasil e África como se o mar fosse mentira.** São Paulo: Unesp, Chá de Caxinde, Luanda Angola, 2006.

SOUZA e SILVA, Manoel de. **Do alheio ao próprio**: a poesia em Moçambique. São Paulo: Edusp/UFG, 1996.

VANIA, Resende. **O menino na literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

XAVIER, Lola Geraldes. **Literaturas Africanas em português**: uma introdução. Macau: Instituto Politécnico de Macau, 2017.

RESUMO

O Presente trabalho discute questões sobre o mar na literatura africana de expressão portuguesa. Tomamos algumas as metáforas de tempo e infância como constituintes da memória, pois, estampam no literário o texto do social. Amparados nas obras de Lúcia Tindó Secco (1996 e 1999) textos seminais de discursões sobre a temática. E, para tal feito, além das poesias: *O menino e o búzio*, de Sebastião Alba e *Saudade e espanto*, Mark Dennis Velhinho, incursionamos em alguns excertos de outros poetas africanos que nos iluminam, em breve pendo ao histórico, às análises dos poemas.

Palavras-chave: Poesia, leitura, o mar, literatura africana.

ABSTRACT

The present work discusses questions about the sea in Portuguese-speaking African literature. We take some of the metaphors of time and childhood as constituents of memory, as they stamp the social text in literature. Based on the works of Lúcia Tindó Secco (1996 and 1999) seminal texts of discourses on the subject. And, to this end, in addition to the poems: *O Menino eo Búzio*, by Sebastião Alba and *Saudade and Astonishment*, Mark Dennis Velhinho, we look into some excerpts from other African poets that enlighten us, in short, to the analysis of the poems.

Keywords: Poetry, reading, the sea, African literature.